

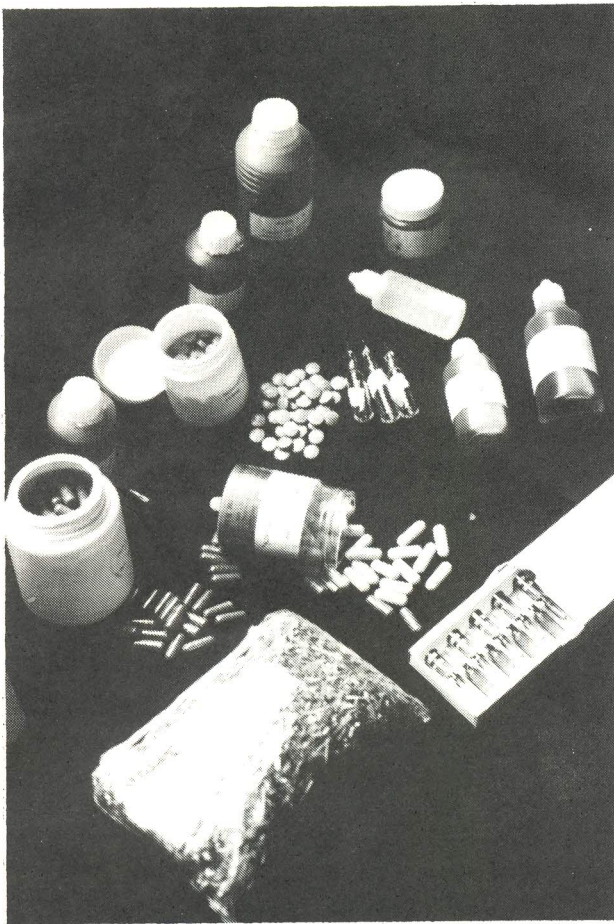
BOLETIM

Abia

NÚMERO ESPECIAL — JANEIRO 1994

O MERCADO DA AIDS

Lulidi / AE



Pessoas com HIV e Aids cruzam o país em busca de tratamentos alternativos que prometem "cura", "fim das infecções oportunistas", "bons resultados" contra a doença. Sabemos que algumas estão caindo em armadilhas que podem

até lhes abreviar a vida. Para desvendar essa verdadeira rota do desespero, a repórter Conceição Lemes investigou o assunto durante cinco meses. Apresentando-se como Maria (seu primeiro nome), consultou, inclusive, 25 deles como prima de um paciente fictício, João Luiz Silveira. Objetivo: saber como vários dos promotores desses métodos aproveitam-se da fragilidade da situação e atuam, de verdade, nos consultórios e não o que falam publicamente, iludindo pacientes e seus familiares. O resultado de toda a investigação está no caderno especial **O MERCADO DA AIDS** publicado em 1º de dezembro, dia mundial de luta contra a Aids, pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, que denuncia um grande magazine de falsas esperanças.

Dada a importância do material é que estamos apresentando a reportagem na íntegra, inclusive com algumas informações não reproduzidas na edição de **O Estado de S. Paulo** devido

a problemas de espaço. Este **Boletim ABIA Especial** valoriza as iniciativas da repórter e do jornal. Torna-se necessário também registrar nossos agradecimentos por nos ter autorizado a reprodução do material. Seguindo os fatos levantados na própria matéria, ressaltamos as seguintes questões:

1- É direito de cada pessoa com HIV e Aids fazer o tratamento que achar melhor. Mas é dever também informar-se sobre o que existe para proteger-se.

2- Entre os que atuam na área de tratamentos não-convencionais, há alguns sérios. O maior perigo está naqueles ditos alternativos que retardam, impedem ou afastam os pacientes de terapias comprovadas cientificamente que podem lhes trazer algum benefício. Isso é charlatanismo e configura, inclusive, erro médico.

3- É preciso ficar claro que a proliferação e procura de tratamentos alternativos questionáveis para HIV e Aids deve-se também ao sucateamento do nosso sistema público de saúde que impede o atendimento adequado, ao alto custo da medicina alopática e à deficiente relação médico-paciente.

4- Daí a necessidade de lutarmos por um sistema de saúde digno e extensivo a toda a população, incluindo-se as pessoas com HIV e Aids. Só assim minimizaremos a ação dos inescrupulosos que exploram o desespero e a dor com falsas esperanças, qualquer que seja a doença. ■

